

## A PRÁTICA DO TUTOR E A FORMAÇÃO DA AUTONOMIA DISCENTE NA MEDIÇÃO DO CONHECIMENTO

Arnaldo de Souza Menezes Filho  
Mestre em Políticas Públicas. Professor do Instituto Federal do Maranhão  
arnaldomenezesfilho@hotmail.com

Girsivania Teixeira Dos Prazeres  
Mestre em Cultura e Sociedade. Professora da Universidade CEUMA  
vaniasophia.prazeres224@gmail.com

### RESUMO

Análise da prática do tutor a distância enquanto mediador do conhecimento. Este trabalho apresenta-se como uma averiguação da prática de um sujeito educacional importante da modalidade de Educação a Distância (EaD), o chamado 'tutor de educação a distância', o qual se justifica pela sua ação considerada indispensável ao processo de ensino aprendizagem nessa modalidade de ensino. Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar a prática do tutor a distância enquanto mediador do conhecimento, sob o horizonte e com possibilidade de formação de uma autonomia discente. Para tanto, apoiamos-nos nas literaturas de autores de EaD como Mattar (2012), Mill (2007, 2010), assim como também nos Referenciais de Qualidade do MEC que abordam a qualidade na educação a distância. Na fundamentação teórica, por meio de análise bibliográfica de cunho hermenêutico, utilizamos autores da filosofia como Benjamin (1984, 1985, 1994) e Adorno (1985, 1995), os quais tratam da questão da autonomia educativa como prática libertária condizente com a possibilidade de formação discente dentro do contexto de mídias e instrumentos de comunicação de massa da modernidade. Concluiu-se que a importância da prática da tutoria aponta para a mediação de conhecimento envolvida na formação da autonomia como realidade concreta e constatada, de modo que o objetivo educacional de autoformação discente deve acompanhar esta prática.

**Palavras-chave:** Educação a Distância. Tutoria. Mediação. Autonomia.



## THE TUTOR'S PRACTICE AND THE FORMATION OF STUDENT AUTONOMY IN KNOWLEDGE MEDIATION

### ABSTRACT

Analysis of the distance tutor's practice as a mediator of knowledge. This work is presented as an investigation of the practice of an important educational subject in the Distance Education modality (DE), the so-called 'distance education tutor', which is justified by its indispensable action to the teaching-learning process in this modality of education. Thus, the general objective of this research was to investigate the practice of the distance tutor as mediator of knowledge, with the possibility of forming student autonomy. In order to do so, we rely on the literature of DE authors such as Mattar (2012), Mill (2007, 2010), as well as the MEC Quality Guidelines, that address quality in Distance Education. In the theoretical basis, through hermeneutic bibliographical analysis, we used philosophy authors such as Benjamin (1984, 1985, 1994) and Adorno (1985, 1995) who address the issue of educational autonomy as a libertarian practice consistent with the possibility of student training in context of media and mass communication tools of modernity. It was concluded that the importance of the tutoring practice points to the mediation of knowledge involved in the formation of autonomy as a concrete and verified reality, in a way that the educational objective of student's self-training should follow this practice.

**Keywords:** Distance Education. Tutoring. Mediation. Autonomy.

## LA PRÁCTICA DEL TUTOR Y LA FORMACIÓN DE LA AUTONOMÍA DEL ALUMNO EN LA MEDICIÓN DEL CONOCIMIENTO

### RESUMO

Análisis de la práctica del tutor a distancia mientras mediador del conocimiento. Este trabajo se presenta como una investigación de la práctica de un sujeto importante de la modalidad de Educación a Distancia (EaD), lo llamado "tutor de educación a distancia", lo cual se justifica su acción considerada indispensable al proceso de enseñanza aprendizaje en esta modalidad de enseñanza. Así, el objetivo general de esta pesquisa es investigar una práctica del tutor en la distancia de la mediación del conocimiento, bajo el horizonte y la posibilidad de formación de una autonomía del alumno. Para ello, apoyémonos en las literaturas de autores de EaD, como Mattar (2012), Mill (2007, 2010), así como también los referenciales de Calidad del MEC, que abordan la calidad en la educación a distancia. La fundamentación teórica, a través del análisis



bibliográfica de cuño hermenéutico , utilizamos autores de Filosofía como Benjamin (1984, 1985, 1994) y Adorno (1985, 1995), que tratan de la cuestión de la autonomía educativa como práctica libertaria, de acuerdo con la posibilidad de formación del estudiante dentro del contexto de los medios y los instrumentos de comunicación de masa de la modernidad. Se concluye que, la medida de la práctica de la tutoría, apunta para la mediación de conocimiento en la formación de la autonomía como la realidad concreta y constatada, de manera que el objetivo educacional de la autoformación del alumno debe acompañar esta práctica.

**Palabras clave:** Educación a distancia. Tutoría. Mediación. Autonomía.

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD), operacionalizada por meio do uso das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), é um fenômeno em expansão cada vez mais crescente, não somente em nosso país, como no cenário mundial.

A EaD aplicada à educação de nível superior, notadamente em cursos de graduação – licenciatura e bacharelado – e de formação de tecnólogos, depara-se com peculiaridades regionais características da extensão espacial e cultural que o Brasil constitui, necessitando o engendramento de uma diversidade de formas metodológicas na condução da EaD, relativo a cada contexto em que ela é oferecida. Entende-se, desse modo, que a necessidade de estabelecerem-se discussões em torno do papel desempenhado pelos sujeitos educacionais envolvidos fizeram-se necessárias.

Para isso, é de fundamental importância a caracterização formativa, social e identitária desses sujeitos, sejam eles alunos, professores, tutores, colaboradores administrativos e gestores, uma vez que todos desempenham um importante papel. Por questões de delimitação do objeto de estudo, neste trabalho, analisamos o papel do sujeito caracterizado como tutor a distância, ou seja, aquele que se constitui como importante mediador entre conteúdos, alunos e TICs na EaD.

Em função da ação exercida entre o tutor e os alunos, fomenta-se que o sucesso dos cursos da modalidade a distância está justamente na relação entre esses dois atores; outros, por sua vez, questionam a atuação efetiva do tutor e os resultados de sua ação junto aos alunos (MILL; FIDALGO, 2007).

De acordo com Cechinel (2000), o tutor é aquele para o qual se compreende a função de facilitar e mediar à aprendizagem, além de motivar, orientar e avaliar as atividades dos alunos. Por essa perspectiva, percebemos que é o tutor que estabelece uma relação direta com os alunos, auxiliando-os no manejo e na aproximação dos



conteúdos. Sua identificação formativa, pedagógica e social é análoga ao do professor “tradicional”, ainda que apresente outra denominação.

Estamos, intencionalmente, utilizando o termo professor-tutor por considerarmos que o tutor a distância é também um docente e não simplesmente um animador ou monitor neste processo, e muito menos um repassador de pacotes instrucionais Bruno; Lamgruber ( 2009, p.7 apud MATTAR, 2012, p. 24).

[...] Este profissional, como mediador pedagógico do processo de ensino e de aprendizagem, é aquele que também assume a docência e, portanto, deve ter plenas condições de mediar conteúdos e intervir para a aprendizagem.

Assim, investigar a atuação dos tutores a distância de um curso de Licenciatura na modalidade a distância constituiu um processo que abarcou tanto as atividades efetivamente realizadas e o significado que elas têm para eles próprios e para os alunos (revelando uma representação particular sobre esse sujeito), como o próprio perfil profissional, pessoal e social desse.

Como orientação para este trabalho, apresenta-se o seguinte objetivo geral: investigar a prática do tutor a distância em relação à mediação do conhecimento. Para alcançar o objetivo geral, levantaram-se os seguintes objetivos específicos: analisar a contribuição do tutor a distância na construção de uma educação emancipadora do aluno no decorrer do processo ensino aprendizagem; identificar a existência de atitudes dos tutores a distância no contexto do processo de ensino e de aprendizagem que estão além das orientações e padronizações formais, mas que são reconhecidas como importantes pelos alunos e auxiliar na inovação de um modelo de tutoria e melhorias de sua prática na construção do conhecimento.

Diante do que foi considerado inicialmente, apresentam-se as estratégias de pesquisa adotada que deram suporte à construção teórico- metodológica acerca do objeto de estudo deste trabalho, a saber, o processo de mediação do conhecimento acadêmico desencadeado pelo professor-tutor.

Percebeu-se em um primeiro momento que o objeto de estudo em questão só poderia ser compreendido quando investigado dentro do contexto da educação e democratização do saber no Brasil, na medida da observação de desenvolvimentos naturais, lógicos e históricos particulares que necessitam ser suprimidos em uma totalidade contextual que o influencia e é influenciada. Desse modo, esta pesquisa apresenta-se alicerçada no método dialético, de cunho hermenêutico. Por hermenêutica, assume-se a conceituação dada por Max Weber (1992, p.313) de imputações causais, a qual define a própria hermenêutica da causalidade como possibilidade nas ciências humanas. Isso significa que a realidade e os enunciados propostos acerca dela são subsumidos de forma essencialmente contextualizada.



Para tanto, como procedimentos da pesquisa, foi realizada análise bibliográfica e documental. Na análise bibliográfica, realizou-se a coleta de dados em bases secundárias trabalhadas. Para realizar o levantamento das bases secundárias trabalhadas para posterior análise, apoiou-se, principalmente, naquelas que tratam das categorias da *educação, educação a distância, emancipação e autonomia*.

Na dimensão desta pesquisa concernente à análise documental, foi realizada a coleta de dados em bases secundárias brutas. A priori, delimitaram-se essas bases em normas jurídicas constitucionais e infraconstitucionais (leis, decretos, resoluções e portarias), documentos da Administração Pública (federal, estadual e municipal) que tratem de assuntos referentes ao objeto de estudo, e em dados estatísticos de natureza econômica e social que interessem à avaliação quantitativa e qualitativa da educação. Nesta análise, o intuito foi explorar a conotação técnica e gerencial atrelada à realidade do objeto de estudo enquanto singularidade inserida dentro de uma particularidade de uma política pública dentro do Brasil.

O intento desta pesquisa foi de estabelecer uma compreensão acerca da prática da tutoria estabelecida pelo professor tutor a distância, buscando identificar as características e elementaridades do seu trabalho pedagógico na medida da contribuição para uma maior autonomia educacional dos alunos. Em última instância, nosso objetivo a posteriori foi contribuir para a discussão na comunidade científica acerca dos papéis desempenhados pelos sujeitos envolvidos na modalidade EaD, com destaque para o professor-tutor, e assim, favorecer o desenvolvimento de novas perspectivas nessa modalidade educativa.

## **2 EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E CULTURA:** a EaD como modalidade educativa

O surgimento do desenvolvimento científico deu-se em decorrência da nova organização do pensamento racional, o qual influenciou diretamente as estruturas educacionais, exigindo modernos métodos de educação que auxiliassem na produção do saber.

Se formos recorrer aos primórdios, identificamos essas transformações já em Sócrates e depois Platão, o primeiro com a maiêutica, o segundo com o método dialético. Os diálogos platônicos, apesar de terem um cunho racional, seguiam ainda uma veia poética e teatral, ou seja, a narrativa.

A narrativa era, portanto, a forma de transmitirem-se os saberes científicos e culturais e só ganhou um caráter mais técnico com Aristóteles, o qual faria uma divisão do conhecimento, repartindo-os em disciplinas e áreas de estudo, dando assim uma separação mais metodológica ao ensino.



A narrativa aproxima-se tanto dos diálogos platônicos quanto da educação tradicional no sentido, que deve causar um *thaumá*<sup>1</sup> no indivíduo, levando-o a aprender algo novo e surpreendente. Direcionando o sujeito a reconhecer-se não apenas como um indivíduo social, mas também como ser de uma história, integrado a uma cultura.

Todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. Com a mudança das coisas mudam os indivíduos; o tipo permanece o mesmo. Homens e animais, na sua espécie pela procriação natural. Só o Homem, porém, consegue conservar e propagar sua forma de existência social por meio das forças pelas quais a criou, quer dizer, por meio da vontade consciente da razão. O seu desenvolvimento ganha por elas um certo jogo livre de que carece o resto dos seres vivos, se pusermos de parte a hipótese de transformações pré-históricas das espécies e nos ativermos ao mundo da experiência dada. (JAEGER, 2001, p.3).

A educação ainda para os gregos antigos não era apenas um meio em si de produção do conhecimento, mas, tinha como finalidade de formar um cidadão para a pólis – *zoonpolitikon* -, todavia, para Ponce (1992, p.40), essa educação ainda seria direcionada pelas classes superiores para uma população em sua maioria subjugada pelo sistema educacional e uma cultura toda centrada nesse modelo de sociedade. Já para Jaegger (2001, p.7), não havia na Grécia a utilização da palavra cultura no sentido de ideal de civilização ou ainda esse sentido moderno é mais uma semântica dos estudiosos do que do próprio grego. Para ele, a palavra que se aproxima desse sentido configura-se pela palavra formação, que seria próxima ainda da palavra educação, no mesmo grau que Platão a utilizava, e esse mesmo termo foi inserido na essência da educação dos gregos. Mas para Ponce (1992), essa educação difere em sentido lato do que chamamos ainda de instruir, que não fosse voltado para virtudes. Desse modo, o professor para ele não era um modelador de mentes e almas, mas devia formá-los no sentido de uma Paideia -, mas, o que talvez Ponce não considere é que o caráter poético da educação grega está intimamente ligado à literatura ou ainda a uma formação humana, ou seja, a vida e seus problemas.

Tanto para Homero como para Hesíodo, a vida do homem em todas suas dimensões decorria de um aprendizado em forma de narrativa, não no sentido de um saber prático. Decerto um saber do modo de viver, em que as narrativas são um aprendizado ético-educativo, uma sabedoria de viver.

Se as narrativas são uma metodologia diferente da educação manipuladora, os diálogos platônicos são um novo modelo dessas narrativas. Segundo Jaeger (2001, p. 511), tanto Sócrates quanto Platão usavam suas formas de educar ou narrativas para

<sup>1</sup> O termo [...] vem do grego: a (que significa ausência), lexis (palavra) e Thymós (que significa emoção). o homem grego já havia criado uma representação para estes fenômenos, associando-os à ... Esta associação à máscara do terror representa a extrema alteridade Explicar thaumá COMO, O estupor, and CELSO DE ARAÚJO OLIVEIRA JR. "O ESTUPOR EM BECKETT."



a formação do homem, uma maiêutica para a verdade na busca de uma sabedoria superior. Uma educação filosófica, que se dava para uma narrativa da formação e não para uma instrução meramente técnica. Para Platão, se o homem concebe ideias, é porque ele já as vislumbrou no mundo das ideias. O papel do homem seria o de reaprender essas mesmas ideias que seriam o bem, a justiça etc. Dentro desse entendimento, ainda assevera Ponce (1992, p.59), para Platão e Aristóteles, “uma sociedade fundada no trabalho escravo não podia assegurar cultura para todos”, ainda porque as histórias que compõem a cultura não são um saber compartilhado para a polis, uma história comum a todos, nisso configura-se já uma crise ao modelo de educação da época.

Recorremos, então, ao pensador alemão Walter Benjamin, o qual alude o poder da narrativa como resgate de uma forma de educação diferenciada, voltada para uma formação mais humanística. Ele defende que o processo de ensinar e aprender deveria se dar por meio de fatos narrados resultantes da experiência de um povo, como suas histórias e seus costumes, para que a educação se fundamentasse em uma transmissão de saberes, em que fossem passados em forma de narrativa explicativa, para que cada pessoa se reconhecesse como parte integrante dessa história.

Se nas histórias contadas ou narradas, pegando os exemplos das epopeias (poemas épicos) de *Homero*, que possuíam em si um caráter educador e que toda narrativa contava uma parte da história de cada povo e o que gerava esse reconhecimento dentro da narrativa não era apenas a habilidade do narrador – *professor* -, mas o caráter disciplinar para os seres humanos de uma mesma época.

Porém, o mito perdeu seu lugar para o saber filosófico e a narrativa saiu da ágora para a sala de aula, e o professor para Benjamin deveria assumir o papel desse “*narrador*”, já que o poder da narrativa devido ao progresso científico – indústria cultural –, está desaparecendo. A educação, além de seu caráter educador, deveria ganhar mais esse atributo que seria o de manutenção e resgate da cultura.

Assim sendo, tradição e sua passagem para as gerações futuras seriam garantidas pelo aprendizado, ou seja, pelas narrativas que aprendíamos e passaríamos para os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos. E o que estimularia esse aprendizado seriam a criatividade e a imaginação do professor – narrador – assumindo esse o papel de estimulador da reflexão para uma experiência mais rica.

### **3 EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: objetivos para a EaD**

Para Benjamin, o progresso é o anjo da morte e anunciação do desmoronamento do passado, a educação seria um resgate, uma arqueologia como ele mesmo fala desses escombros. Pois, quem os enterra é a técnica. Toda loucura



e dor vivenciados por ele nas grandes guerras fizeram-no rever o que os homens chamam de progresso, o misticismo, o *pseudo* melhoramento, a fraca distinção de realidade, a *barbárie* desmedida, tanto que a política e suas práticas de produção são voltadas para o trabalho e não para o bem-estar. As políticas públicas não enxergam o caráter filosófico e libertador dos seus próprios meios, a suposta democracia favorecerá apenas uma minoria dominante. E esse progresso abastecido pela manipulação, entenda-se, práticas pedagógicas e mecanismos educacionais, não atingirá ou logrará a toda a população.

A teoria socialdemocrata, e ainda mais a sua práxis, era determinada por uma concepção de progresso que não era realista, mas que tinha uma pretensão dogmática. O progresso, tal como ele se configurou nas cabeças dos socialdemocratas, era, primeiro, um progresso da própria humanidade (e não só de suas possibilidades e conhecimentos). Segundo, ele era infinito (correspondendo a uma infindável capacidade de aperfeiçoamento da humanidade). Terceiro, ele era considerado como essencialmente inelutável (como algo que avançava por si mesmo, percorrendo um caminho direto ou em forma de espiral). (...) Mas (...) a crítica precisa transcender todos esses predicados e voltar-se para algo que é comum a todos eles. A concepção de progresso do gênero humano ao longo da história é algo inseparável da concepção de que esta transcorra num tempo homogêneo e vazio. 'A crítica da concepção desse processo precisa constituir o fundamento da crítica à própria concepção de progresso'. (BENJAMIN, 1985, p.161).

Ainda segundo Benjamin, o progresso é o *Juggernaut*<sup>2</sup> irrefreável que devora tudo em seu curso, é a história que avança aos trancos. Se os cursos técnicos são uma das formas desse progresso, se eles são um dos reflexos das necessidades hodiernas das sociedades contemporâneas, e a filosofia e a história o abandono deixado desse progresso, como ainda ter esperança se a educação não é mais emancipatória? Vê-se ainda uma possibilidade de emancipação e de esclarecimento com as práticas do ensino das Ciências Humanas a dimensões humanitárias. Para Benjamin, na sua teoria do *médium* de reflexão, devemos fazer a crítica da crítica, onde a técnica e seus métodos sejam o mediador dessa nova forma de reflexão. A essa nova técnica e a teoria do *médium*, aplicamos a educação a distância e suas realidades díspares, a importância do papel do tutor, como um desses ventos do progresso para a difusão de uma educação mais humanista e menos tecnicista. "A teoria do conhecimento do objeto é determinada pelo desdobramento do conceito de reflexão em seu significado para o objeto. O objeto, assim como tudo o que é efetivo, repousa num médium de reflexão." (BENJAMIN, 1994, p.59).

Onde queremos chegar, se as modalidades de EaD, juntamente com os cursos técnicos, são a evolução das formas educacionais modernas? Deve-se ainda utilizá-las em prol dessa mesma sociedade? Sim. Quando o próprio Benjamin nos

<sup>2</sup> Benjamin compartilhava inteiramente desses sentimentos e nele inspirou sua obra, o capital: *Juggernaut*, a divindade hindu instalada em uma imensa carruagem, sob a qual são lançadas crianças para o sacrifício (LOWY, 2005, p.73).





fala de uma história escrita pelos derrotados e esquecidos, devemos ter em mente também que todas as melhorias ou comodidades feitas para as sociedades serviram de antemão às sociedades burguesas, em suma, os ricos e poderosos. Mas se agora, hoje, o sistemas de políticas públicas oferecem-nos uma sanção devido às suas próprias necessidades, não devemos nós saber utilizá-las? Pensemos ainda nos derrotados como Benjamin nos fala, no sentido de marginalizados de forma seletiva pelo simples avanço urbano, e as concentrações dos saberes pelos grandes centros acadêmicos. O hiato aqui consiste ainda em não apenas emancipar o aluno, mas também democratizar o saber, desvencilhando a educação de dogmas e diretrizes impostas pelas classes dominantes. A EaD ainda é mal quista por uma série de intelectuais e pensadores da educação, por isso nós faremos as mesmas perguntas que a escola de *Frankfurt* fazia, “Educação para quê?”.

Pelo que sei, justamente os estatísticos, na medida em que refletem sobre seu próprio ofício, concordariam com o senhor e, se posso me adiantar, também comigo: eles diriam que quaisquer considerações quantitativas possuem afinal um objetivo qualitativo de conhecimento. Quando sugeri que nós conversássemos sobre: “Formação — para quê?” ou “Educação — para quê?”, a intenção não era discutir para que fins a educação ainda seria necessária, mas sim: para onde a educação deve conduzir? A intenção era tomar a questão do objetivo educacional em um sentido muito fundamental, ou seja, que uma tal discussão geral acerca do objetivo da educação tivesse preponderância frente à discussão dos diversos campos e veículos da educação. (ADORNO, 1995, p.139).

As necessidades criadas pelos nossos meios de vida, por nossa história, são também necessidades de criar ou adaptar novas formas de ensino-aprendizagem, como associar as novas práticas ou as novas dinâmicas da educação a aprendizados tão tradicionais como o ensino da Filosofia e da História, adaptando as práticas de educação à realidade do alunado. A EaD, portanto, é uma readaptação do estilo de vida do homem contemporâneo, uma possibilidade para vários fatores que vão desde seus hábitos a distâncias geográficas, onde nem todos têm a comodidade de uma sala de aula próxima de sua casa.

A EaD ainda nortear-se-á com seu papel talvez mais desafiador que será o de emancipar esses homens e mulheres no que concerne à democratização do saber. Se para Benjamin, o *médium* de reflexão é o intermediário até a Filosofia, para Adorno, o esclarecimento só é possível quando se instaura um lampejo de esclarecimento no sujeito. Podemos pensar dentro das práticas contemporâneas de educação ou ainda nos limitarmos ao foco da EaD, colocando o tutor e sua importância no papel de mediador. Observe bem, o tutor não é o *médium*, e sim o mediador das práticas pedagógicas, os *médiuns* de reflexão serão as atividades, a contextualização de realidade, a utilização das tecnologias utilizadas por esse tutor. Esse *médium* de reflexão será sempre uma reflexão da reflexão, ou ainda, uma crítica da crítica. E essa crítica desembocará,



principalmente, nas modalidades de educação das Ciências Humanas como um esclarecimento do mundo, da realidade e do sujeito, as quais terão como produto desse processo educacional. Note que se está falando de educação, não instrução. Educar quer dizer preparar-se para a vida, formar para a realidade próxima, no sentido grego, uma construção total do indivíduo. O produto desse processo educador será o esclarecimento do indivíduo perante a sociedade. Fazendo lembrar-se do passado como nos alude Benjamin e não apenas vivendo no presente, o mal do esquecimento contemporâneo que só vive o momento presente.

A vida do homem contemporâneo, sem tempo, que apenas possui oportunidades nas grandes metrópoles, nos grandes centros urbanos e nas universidades, aglutina-se nesses centros, o que fazem então dos homens abandonados pelo progresso e pela história. O que essa história de esquecidos “benjaminiana” não conta é que o progresso é uma faca de apenas uma lâmina, corta por um lado o mal e no outro cega, deixando o mal da ignorância se alastrar. Mas, os meios de Comunicação de cultura de massa, criticados por Adorno, as propagandas manipuladoras prometem e enganam apenas uma parte da sociedade. Há uma parte tão ingênua e ignorante que a ilusão dá lugar à frustração e à esperança vazia. As promessas de futuro não chegam a eles, a imagem do anjo de *Klee*, mesmo que desoladora, não bate suas asas nas pequenas cidades campestres, seu destino é viver do arado e do suor do rosto, como na cantiga de João do Vale<sup>3</sup>.

Os ventos históricos do progresso que sopram para João do Vale são apenas uma configuração antiga do desejo de muitos brasileiros ainda. Porém, a limitação, hoje, configura-se no âmbito dos cursos superiores, em que as graduações e aprimoramentos não chegam a todos os lugares. A EaD, desde a sua concepção, é uma tentativa de minimizar esses problemas e possibilitar o acesso de todos à educação. A inovação desse *layout* de educação cria polêmica e esperança. Polêmica, porque assim como a história na visão de Benjamin, as melhorias só servem para os mais poderosos e essa sociedade burguesa critica essa modalidade de educação, por outro lado, há uma desvantagem em termo de presencialidade, sim, mas que pode ser sanada pelas novas tecnologias voltadas para esse formato.

Aliado a essas tecnologias, há uma gama de atividades que servem como mediadoras desse aprendizado. Além disso, ainda conta-se com o acompanhamento

<sup>3</sup> Seu moço, quer saber, eu vou cantar num baião/Minha história pra o senhor, seu moço, preste atenção/ Eu vendia pirulito, arroz doce, mungunzá/Enquanto eu ia vender doce, meus colegas iam estudar/A minha mãe, tão pobrezinha, não podia me educar/A minha mãe, tão pobrezinha, não podia me educar. E quando era de noitinha, a meninada ia brincar/Vixe, como eu tinha inveja, de ver o Zezinho contar: - O professor raiou comigo/porque eu não quis estudar- O professor raiou comigo, porque eu não quis estudar/Hoje todo são “doutô”, eu continuo João ninguém /Mas quem nasce pra pataca, nunca pode ser vintém/Ver meus amigos “doutô”, basta pra me sentir bem/Ver meus amigos “doutô”, basta pra me sentir bem/Mas todos eles quando ouvem, um baiãozinho que eu fiz,/Ficam tudo satisfeito, batem palmas e pedem bis/E dizem: - João foi meu colega, como eu me sinto feliz/E dizem: - João foi meu colega, como eu me sinto feliz/Mas o negócio não é bem eu, é Mané, Pedro e Romão,/Que também foram meus colegas, e continuam no sertão/Não puderam estudar, e nem sabem fazer baião



do professor-tutor que, além de intermediador, acaba, por vezes, sendo o próprio *médium* do conhecimento no que tange ao saber das disciplinas. Se para Benjamin o *médium* da reflexão é sempre o *médium* reflexivo, para o professor-tutor, as práticas pedagógicas serão sempre o mecanismo de interface da reflexão, assim como a arte é o *médium* para a Filosofia de Benjamin na EaD, a cultura, a realidade serão utilizadas como os mediadores reflexionantes. A EaD é um *médium* da reflexão crítica para essa realidade longe dos centros universitários, veiculada e viabilizada pelas TICs.

Para Benjamin, a doutrina do *médium* de conhecimento e da percepção está ligada a da observação que é significado imediato para a compreensão do conceito de crítica, que seria, então, crítica a um aprendizado novo e o abandono de um antigo chegando a seu ápice, ou seja, ao seu momento crítico. A crise na educação trouxe a lume problemas sociais, que foram vistos como temporários, mas a marcha da história do progresso e da ciência não para, portanto. Vários programas educacionais de inclusão fazem-se necessários para esse abandono de ignorância ou *barbárie*. Tanto para Benjamin, como para a educação, independente de sua orientação técnica ou humanista, objetiva-se o bem dos indivíduos, faz-se necessária para emancipação e a evolução da cultura. O que seria um esclarecimento e um afastamento do estado de ignorância.

Países tão grandes como o Brasil sofrem por terem dimensões continentais e os grandes centros por serem distantes demais da população rural ou de cidades do interior. Um Curso de Filosofia voltado a princípio para cidades com menos de 50 mil habitantes pode a princípio ter uma conotação diletante. No entanto, para ambos pensadores da escola de *Frankfurt*, essa educação cria um criticismo que vai intervir de forma direta na vida dessas pessoas. Nas escolhas que farão no seu cotidiano, na administração pública, nas injustiças do dia a dia, a Filosofia não é uma disciplina prática, no entanto sua prática é diária.

O acesso à cultura difundido pelas políticas dominantes converge na sistematização da indústria cultural e do controle das massas. Mas, não ao momento de nos lograr como a oportunidade de homens e mulheres que não tiveram esse acesso à educação superior, mas o do futuro que nossos filhos possam participar. A amálgama aqui pretendida e aludida da EaD não é de modo algum a solução final. Ela é uma ponte até essa falta de saber ou *médium* “benjaminiano”, o professor-tutor ou mediador do conhecimento enquanto objeto. A educação tenta distender-se para o seu principal objetivo, um fim em si mesma, mas as nuances que ela pode atingir no social são sua consequência. A desmistificação cultural, o parto do pensamento dogmático da educação tanto para Adorno como para Benjamin e esse abandono do progresso, se chegar e quando chegar, já teremos uma parcela dessas pessoas com educação superior graças à EaD.

As atuais tecnologias de informação provocaram a criação de novos hábitos



de pensamento e de vida. Os obstáculos do passado com a não credibilidade e falta de confiança na Educação a Distância estão sendo vencidos, no entanto, deve-se investir não só no financeiro, mas avaliar na perspectiva da qualidade dos cursos. Considerando que a tecnologia está evoluindo a passos largos, faz-se necessária a criação de maiores estratégias de utilização das tecnologias para favorecer a aprendizagem do aluno.

A EaD, assim, em uma concepção mais global, assume o papel do *médium* da reflexão, pois passa a ser o veículo que transportará o conhecimento para essa realidade longe dos centros universitários, viabilizada pelas tecnologias da informação e comunicação. Destarte, analisaremos essa possibilidade nos capítulos posteriores.

#### 4 O PAPEL DO PROFESSOR E DO PROFESSOR TUTOR

A EaD adota uma estrutura diferenciada da educação presencial, separando a ação do docente em partes distintas, iremos nos fixar no modelo proposto pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) do MEC que são adotadas pela maioria das universidades públicas que são consorciadas ao sistema UAB, como é o caso da UEMA, o qual veremos com mais detalhes no tópico seguinte. Lembrando que as definições dos diferentes papéis do professor na EaD podem variar, de acordo com a instituição que desenvolve o projeto.

Na nossa conjuntura, temos o professor conteudista ou professor formador, os quais não se diferenciam nas suas ações. A esses cabe a função de elaborar, planejar e executar a disciplina, ou seja, elaborar plano de ensino, escrever fascículo, gravar videoaula, realizar conferências/capacitações de tutores, e os professores-tutores, subdivididos em tutores presenciais e tutores a distância, aos quais cabe a comunicação de conteúdos entre o professor e os estudantes.

Mattar (2007) expõe que a atuação do tutor também se torna uma variável neste contexto que define o modelo de curso desenvolvido pela instituição, bem como a autonomia de atuação do professor-tutor.

Na nossa concepção, trabalhar como tutor significa ser professor e educador.

Tutor: profissional selecionado pelas IPES [Instituições Públicas de Ensino Superior] vinculadas ao sistema UAB [Universidade Aberta do Brasil] para o exercício das atividades típicas de tutoria, sendo exigida formação de nível superior e experiência mínima de 1(um) ano no magistério do ensino básico ou superior, ou ter formação de pós-graduação, ou estar vinculado a programa de pós-graduação. (BRASIL, 214, p.8).

Os docentes na EaD dividem a ação feita por um só profissional no modelo convencional, o que não quer dizer que seu trabalho torna-se menor ou mais fácil, pelo



contrário, a EaD exige do professor um grande desafio que é o de educar através das TICs.

O papel e as tarefas do professor em EaD diferem das do ensino convencional, pois o 'uso mais intenso dos meios de comunicação e informação torna o ensino mais complexo e exige a segmentação do ato de ensinar em múltiplas tarefas, sendo esta segmentação a característica principal do ensino à distância'. (MORAN, 2015, p. 3).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EaD tem se confirmado cada vez mais como uma modalidade de educação legítima e eficaz do ponto de vista operacional e social, no Brasil e no mundo. O que antes era visto com desconfiança pelos mais céticos ou tradicionalistas da educação tornou-se uma forma prática e não menos rigorosa, de levar a educação para muitos espaços carentes de profissionais e investimentos, o que gera ganhos sociais e inclusão educacional.

Neste trabalho, investigamos este movimento, percorrendo os primórdios das teorias e filosofias da educação até as mais recentes, buscando relacionar a educação sob o ponto de vista do desenvolvimento científico. Observamos que a educação é uma construção histórica, atrelada aos costumes e cultura de determinado povo em determinado espaço e momento históricos. Logo, com o desenvolvimento e mudanças ocorridas nos povos e sociedades, por meio da aquisição de novas experiências, mudam-se, em paralelo, as ideias e formas de se fazer educação.

Assim, verificamos uma relação orgânica entre educação e desenvolvimento social. À medida que experiências individuais e coletivas vão aprimorando-se, a necessidade de transmissão desse novo aprendizado e conteúdo dá-se de forma imbricada.

E esta "passagem" de conteúdo e informação foi constatada, a partir das leituras do filósofo Walter Benjamin, como narrativa. O "narrador" é aquele que transmite as experiências adquiridas e vividas, fazendo com que a educação seja a mediadora das relações de compreensão do homem e da sociedade com a realidade. E o substrato dessa narrativa deve ser a cultura.

Porém, verificamos que diversos autores apontam para a derrocada dessa esfera cultural no mundo da vida e a ascensão da técnica e das ciências pragmáticas e aplicadas, levando a educação, enquanto narração, a se dedicar ao tecnicismo gerado pelo consumo. E isso, como consequência, modifica os parâmetros educacionais e seus objetivos.

O consolidar, que ainda perpetua-se desse "modo" de se fazer educação,



promoveu-se com o momento histórico chamado de iluminismo. Vimos que a razão instrumental engendrou a evolução científica e o progresso urbano, com destaque para o positivismo que se elevou e dominou ideologias e práticas pedagógicas até a atualidade.

A EaD, então, apresentou-se nesta pesquisa com viabilidade nesse cenário, a fim de promover a democratização do saber e a emancipação do aluno. Dentro das práticas contemporâneas de educação, a EaD conta com aspectos tradicionais e inovadores na educação. Além do corpo discente e do corpo docente, surge um profissional envolvido que apresenta o caráter de mediador da educação que, como vimos, muitas vezes, com maior destaque que o do professor: o tutor.

O tutor tem a competência e a responsabilidade de mostrar-se como intermediário nesse processo educacional. Investigamos a literatura especializada na temática e constatamos que, apesar de variações atribuídas às competências desse profissional, em essência, a maioria aponta para seu caráter mediador, assemelhando-se ao conceito atribuído ao “narrador” por Walter Benjamin. Desse modo, lançamos a investigar a atuação do tutor a distância do referido curso como um estudo de caso, a fim de avaliá-lo como uma unidade diferenciada, idiossincrática, ou como um caso tipicamente comum e exemplar em relação aos estudos e casos aferidos no levantamento bibliográfico.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. Org. e Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. **Magia e Técnica**, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CECHINEL, José Carlos. **Manual do Tutor**. Florianópolis: Udesc, 2000.

JAEGER, Werner. **Formação do homem grego**. São Paulo: Fontes, 2001.

MATTAR, João. **Tutoria e Interação em Educação a Distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MILL, D.; FIDALGO, F. **Sobre tutoria virtual na Educação a Distância**: caracterizando o teletrabalho docente. São José dos Campos: Virtual Educa, 2007. Disponível em: <[ihm.ccadet.unam.mx/virtualeduca2007/pdf/236-DM.pdf](http://ihm.ccadet.unam.mx/virtualeduca2007/pdf/236-DM.pdf)>. Acesso em: 1 fev. 2010.

MORAN, J. M. **Os modelos educacionais na aprendizagem on-line**. 2008. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2015.



PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 17. ed. São Paulo. Cortez, 1992.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. Trad. Augustin Wernet. Introdução. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

## **BIOGRAFIA DOS AUTORES**

**ARNALDO DE SOUZA MENEZES FILHO** - Mestre em Políticas Públicas (UFMA). Especialista em Educação (UEMA), Ética e Filosofia Política (IESMA) e Gestão Pública (UEMA). Graduado em Licenciatura em Filosofia (UFMA) e Bacharelado em Administração de empresas (UEMA).

**GIRSIVANIA TEIXEIRA DOS PRAZERES** - possui mestrado em Cultura e Sociedade, com ênfase em Educação a Distância. Especializações em Docência do Ensino Superior. É graduada em Filosofia.

